

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sabbado 15 de Dezembro de 1860.

N. 3

ACAJÁ.

E' dever de todo o homem o ser grato á benevolencia com que é tratado pelos seus semelhantes. Na vida real, na sociedade emfim, é esse um dever sagrado que constitue até uma virtude, e como tal o apreciamos. Na imprensa, esse dever é ainda mais imperioso e impõe certas obrigações a que não se pode nem se deve faltar. Conforme com este principio, a redacção do *Acajá*, não pode conter o impulso de sua gratidão, e vem hoje em suas columnas, saudar o novo lidador que surge na imprensa, n'esse campo tão cultivado já, mas que ainda tanta margem offerece á intelligencia.

E' bello, é nobre e é justo, o desejo que a mocidade hoje revela em exercitar e deleitar o seu espirito, e como tal é bello, é nobre e é justo, o ardor com que se lança nos campos da litteratura. Nós, que tambem fazemos parte dessa mocidade; nós, que tambem agora começamos o nosso tirocinio; do fundo do coração saudamos a apparição do *Jaguarary*, e lhe extendemos a mão como amigos, e como irmãos lhe agradecemos as benevolas expressões com que nos mimoseou no seu primeiro numero.



JAGUARARY

Ao Sr. LEIZ ARQUE.

Após a queda da dynastia de Aviz de que foi causa a catastrophe succedida á D. Sebastião nos campos d'Alcacer Quibir, a Hespanha tendo-se apoderado do reino lusitano, pouco

ou nada fez em relação á colonia que possuia na america meridional.

Entregues pois ao maior menosprezo os destinos e progressos do immenso territorio descoberto por Cabral em 1500, não se podia deixar de prever que outras nações, attendendo ao pouco amor que a metropole tinha ás suas possessões americanas, tratassem de adquiril-as pelas armas.

As tentativas de Willegaignon no Rio de Janeiro em 1555, e de Lancaster, no Espirito Santo em 1595, comquanto mallogradas depois das luctas que para esse fim houverão, principalmente para a expulsão dos francezes, não deixão de provar a pusilanimidade da cõrte hespanhola que della tinhão resultado todas as scenas lamentaveis que fizerão derramar tanto sangue nas quasi incultas plagas brasileiras.

A invasão Hollandeza, foi de todas a que, por ter sido emprehendida convenientemente, se pôde manter não pouco tempo na posse de quasi todas as cidades e villas existentes ao norte do Imperio.

As tropas batavas, bem disciplinadas, e sob o commando do Principe de Nassau, coadjuvadas com os recursos pessoas e pecuniarios da companhia organizada em Amsterdam para a conquista, navegação e commercio da India e America, por um espaço bem longo tornarão-se senhoras dos lugares abandonados pela inercia da cõrte de S. Ildefonso, e apesar da sortidas effectuadas pela resamida phalange ao mando de Mathias de Albuquerque, sortidas que não poucos danos causavão aos hollandeses, largos annos forão precisos para deixarem totalmente o Brasil.

No meio das inumeras luctas que tiveram lugar de 1625 a 1644, apar de guerreiros heroicos e immortaes como Dias, Camarão, Vieira, Vidal e outros, destacava-se Jaguarary, tio de D. Antonio Felipe Camarão e chefe da tribu de indios conhecida pelo nome de Janduis. Jaguarary, acimatado desde os mais tenros annos nas lides guerreiras, tornara-se nessa época um velho valente e excessivamente honrado, e não obstante o longo captiveiro a que o sujeitaraõ os proprios a quem valorosamente ajudava e

no qual iniquamente o laugarão, elle, magnanimo soldado, regeitou a liberdade que Calabar lhe concedeo ao emprender a tomada do forte do Rio Grande do Norte onde se achava encarcerado!

Regeitando porém essa faculdade para permanecer junto de sua filha que julgava morta e que nessa occasião lhe foi entregue por Calabar, o velho guerreiro, graças aos esforços entusiasticos de sua querida filha que lhe exprobrava o quanto soffria a patria pelo jogo batavo, deixou então o captivo, ausentou-se do penhor querido que o prendia ao mundo, e com sua tribo foi novamente alistar-se entre aquelles que tão injustamente o haviam encarcerado!

A elle se deve o triumpho da acção de Porto Calvo, e do qual resultou o aprisionamento de Calabar, a estrella que desaparecera das hostes lusitanas, para brilhar e encaminhar as fiamengas que pela sua captura forão pouco a pouco destrôcadas e pôr fim obrigadas á abrigarem-se na Hollanda. Sebastião Souto, não menos serviços prestou para o exito dessa empreza.

No entanto, se os feitos bellicosos de Jaguarary (mais tarde Simão Soares) são credores da veneração publica, não menor jus merecem a firmeza de caracter e a lealdade do guerreiro indigena. Atenta-se aos motivos pelos quaes elle passou para o campo hollandez e onde só se demorou o tempo sufficiente para investigar se era ou não certo o que julgava, e reconhecer-se-ha a grandeza daquello coração de pai! Percebe-se as causas pelas quaes elle soffrio o infame captivo em que por longo tempo jazeo, e ver-se-ha que a sua honra o levava a desfechar a flecha mortifera contra aquelle que tinha em mente roubar o dom mais precioso que a fragil humanidade pôde possuir. Elle era pai, e sob sua unica guarda achava-se sua filha Argentina, que de todos os desvellos paternos carecia para manter illesa a sua virgindade n'uma epoca de cruentas guerras.

Quanto não é sublime a resignação do chefe dos Janduis, quando Calabar tentando chamar-o ao gremio batavo exprobrava-lhe as injustiças que os portuguezes lhe haviam feito? Era a lealdade de um indio, virtude que sabia possuir e exemplificar!

E a nobreza com que o veneravel ancião, depois de attender ás fervorosas supplicas de sua filha e de abandonar a torre em que esteve detido e de cujas ancias então se distinguia o pavilhão flamengo, se apresentou com sua tribo em defeza da causa que jurara defender e á qual sempre dispensou a mais inabalavel fidelidade? A patria necessitava de seus esforços e dos de sua tribo para expulsar os hollandezes que nella persistião, e, para tão magnanimo fim, não deixou o virtuoso guerreiro esquecer-

se de que era pai, para tão somente lembrar-se de ser filho da confederação tapuia!

Coração agradecido, Jaguarary empenhou-se para ser o carcereiro de Calabar qua elle e a sua tribo haviam aprisionado e concedeu-lhe a liberdade com risco de perder a propria vida! O terrivel alagoano não a aceitou; e confessando-lhe ter sido o homem que, em um momento de satanica inspiração manchára a honra do illustre ancião, justificou o motivo pelo qual recusava a liberdade.

E qual foi o proceder de Jaguarary ao ouvir semelhante confissão? No primeiro impeto, a colera apoderou-se d'elle, e lavaria por certo essa affronta se o ministro do Senhor não entrasse no carcere quando elle pretendia descarregar o golpe mortal.

Pouco depois, quando se hia executar a sentença imposta a Calabar por Mathias de Albuquerque, o generoso indio não só lhe perdoou a offensa feita em sua filha, como tambem solicitou desta o perdão para aquelle que hia no cadafalso expiar seus crimes.

Jaguarary tornou-se pois digno da veneração publica; e se á sua memoria e dos seus tão benemeritos companheiros, o Brasil ainda não fez erigir um pedestal que commemore tão gigantescos feitos, não é fora de proposito avivar a memoria dos contemporaneos, fazendo-lhes recordar uma das personagens mais distinctas dos tempos coloniaes.

Dezembro, 9 de 1860.

F. T. Leitão.

Deos e o sceptico

Quem não crerá em Deos?

Só o sceptico.

E o que é o sceptico?

O sceptico, é um ente miserissimo, cujo coração enervado e corrompido, é alheio á todos os santos e nobres sentimentos que nos inspira o supremo factor do Universo!

O sceptico, é a serpente do mal que penetrando no sagrado recinto da sociedade moral, só causa danos e destruição, e em sua retirada deixa atraz de si o pegumento rastilho de sua pernicioso cauda!

O sceptico, é o ente repudiado pelos corações santificados, e por todos ollhado como o anathema da humanidade, porque em si só nutre quanto ha de abominavel e horrendo; porque desconhece um poder superior e mago que se inocula em nossos espiritos, e nos ensina a soletrar as harmoniosas palavras do bello e do santo!

E haverá quem descreia em Deos?

A fé que sim! E não é sem repugnancia que o dizemos!

Não ha paiz por mais civilisado que seja que não tenha o seu Lebrun, que de olhos vendados — para o sublime — tate nas bastas trevas do materialismo, e a quantos encontra em seu tripudiar insano, lhe vai infiltrando suas falsas e maleficas doutrinas!

Oh! fracos humanos! creiamos em Deos, porque foi elle quem nos deu o ser com seu espirito! Porque elle é o autor d'este vasto panorama, em que a nossa vista se dilata, e depara aqui e ali com uma grandeza de seu poder!

Não vos sentis admirado á vista dos vivificantes raios do sol?

Não vos sentis arreouado quando á noite surge a lua macilenta dentre eburneas nuvens n'um bello céu azul?

Não vos extasiáis diante de uma catadupa que se despenha ruidosa de um monte escarpado em lençoes de christalinas agouas, e se desliza depois suavemente por verdejantes e amenos prados, semelhante ao arfar de um languido seio de virgem?

Não sentis que uma voz mysteriosa vos falla n'alma semelhante aos canticos celestes dos anjos do senhor?

Pois Deos é o promotor de tudo isso!

Deos! é a palavra que nossas mães nos ensinão a pronunciar nos nossos primeiros balbucies!

Deos! é a luz que nos alumia, o ar que respiramos, o espirito que nos alenta, a brisa que perpassa pela folhagem, o mar que ora brame ou somnoento se revolve nas areias das praias, a lymphá que soluça e o arroyo que murmura.

Deos! é o nome que evoca o naufrago na hora extrema, o bom christão nos ultimos momentos de vida, a terna mãe quando vê o pobre filhinho nos trances da agonia mortuaria, a mulher quando vê o caro esposo cerrar as palpebras para o dormitar eterno, e o filho que contempla o passamento de seus carinhosos pais!

Tudo isso não é sublime e bello, e não nos dá a idea de um espirito invisivel que nos rodeia e inspira?

E todas as luzes que derramão os astros não serão sobejas para desvendar as scepticos? Oh! cardos da humanidade! quaes são os gozos que fruis? Serão as vossas estupidas convicções que vos recreião o espirito? Serão as vossas absurdas crencas que vos fallão n'alma, palavras d'encanto e de magia?

Não!

Porque os vossos corações não comprehendem a sonoridade dos canticos sublimes da divindade!

Porque as bellezas magestosas da natureza não se reflectem em vossas almas, em razão de

estarem eivadas de corrupção, e gastas de sensibilidade pelo continuo embater das ondas do materialismo!

Oh! fracos humanos! creiamos em Deos, porque foi elle quem nos deu o ser com seu espirito.

Silvio Rangel.

Napoleão.

A Providencia vela sempre! Quando a sociedade, no rigor de suas mais subversivas facções, vai decalhindo para o fatal abysmo do aniquilamento, lá se ergue a protectora mão do destino como para antepôr-lhe um paradeiro, ao embate do qual, se produza essa reacção, de que deve cair como de um cadinho, purificada, aquella inscripção que serve de legenda ao seculo — a liberdade! — Mas como a Providencia opéra sempre por meios indirectos, qual seria o predestinado mensageiro a quem, na epocha da mais ousada tyrannia, quando a anarchia, preñhe de inauditas desgraças se ostentava mais vigorosa, a mão celeste imprimiria a aureola de verdadeiro genio illuminado por um raio divino?

Napoleão, esse heroe cuja fama devia fazer o gyro do mundo!

Era esse guerreiro, nascido do povo e por elle elevado, que hia trocar o grão sublime de primeiro esclarecido apostolo da regeneração dos povos, porque se tornára quasi um Deos, como mais tarde se tornou um martyr!

Era esse denodado guerreiro que afugentando os tyrannos com suas armas triumphantes, corria a inaugurar as bellas instituições liberaes, e torna-las não um paradoxo ou partilha dos *escolhidos* de Deos; mas, a arca santa da verdadeira felicidade das nações, a cuja sombra todos os povos se lião repousar de dezoito seculos de corrupção, e datar uma nova era de regeneração!

Que importa que de todos os lados não surjam senão paixões egoisticas, como que pretendendo arvorar uma só ideia hostil em relação aos feitos do grande homem que faz a admiração de todas as nações?

Quando essas mesmas exprobrações que pairão em todas as alturas, como o corvo esperando o momento azado para devorar os restos da presa que o lobo deixou; desfeitas ao menor sopro da razão, são os que na vanguarda se curvão constrictos diante das turbas e levantão altares para nelles offercer, como em holocausto, o arrependimento em lugar dos odies que tão vagamente inspirão pelo grande adepto da civilisação.

A razão mais forte de nossa asserção, está

nesse sabio príncipe Luiz. Philippe que aprendeu no exílio o valor da liberdade. Escrevia elle em 1814 em uma carta a Luiz 18.^o, entre outras muitas, estas palavras cheias de fogo:

« Os meus votos, pelo menos, apressão a queda de Bonaparte, *que odeio tanto quanto desprezo.*

Que notavel antithese !

E' admiravel comparar estas palavras ás do seu decreto de 1840, em que ordenava que as cinzas do novo Cezar, devião ser transferidas dos rochedos de Sta. Helena, para repousar no monumento por elle erguido ao martyr de Sta. Helena !

Empossado Luiz. Philippe do poder com que dirigia os destinos da França, confessou que Bonaparte : « Foi Imperador e Rei ; foi legitimo soberano de nosso paiz. E' mister a Napoleão, um monumento tão duradouro como a sua memoria ! »

Como são as paixões politicas dos homens ! O que hontem era crime, é hoje virtude : o que amanhã é dominio indebito, é depois direito ! E' a razão que oscilla.

Robespierre, Danton, Marat e Desmoullins, forão os primeiros obreiros que lançarão ainda sobre os restos palpitantes do despotismo, a base do pedestal da emancipação que Napoleão se encarregou de elevar com as mãos colossaes proporções, fazendo tremular no cume delle os gloriosos estandartes que encerravão as legendas immorredouras de Austerlitz, Egleau, Wagram e Marengo !

Quando o grande vulto hia dilatar as raías de seus horizontes, para mais amplamente fazer ecoar seu nome e qual a agúa sublime, alçar o vôo activo devassando as nuvens que obumbravão o horizonte de todos as nações, interceptando os raios d'aquella luz, que lh'o dava verdadeira vida e vigor, foi que a mão traiçoeira da soberba Albion, lhe desfechou o tiro certo que o derribou, e que assim ferido, qual o gigante trahido, o despenhou nesse escarpado rochedo de Sta. Helena, em que ficará gravada essa nodoa terrivel que jamais a mão do tempo apagará, e que a França jamais olvidará !

9 de Dezembro 1860.

A. F.

A' sentida morte do artista F. R. Moraux.

« Tem elle sido bom e justo...

« Vai elle renascer mais feliz...

(Bardos Druidicos)

A morte ceifou inexoravel a tua vida !... Vida tão cara a nós que te pranteamos!...

Não mais teus magicos pinceis, compressos entre teus dedos, correrão velozes sobre a téla transportando o teu divino pensamento nas diversas camadas de transparentes tintas ! O sol do Ypiranga, que unico pintaste, se encobre enlutado por entre as negras nuvens de seu divino executor, e submerso elle se curva ante os immutaveis decretos da providencia !

A —arte bella— resente-se ao abalar-se uma de suas fortes columnas; e a Minerva americana, tão joven ainda, mal se sustem nos destroços de seu templo!

A nova seita plantada á custa de immensos sacrificios e de heroica coragem no mundo de Cabral, perdeu talvez, com o seu maior apostolo, o terreno que durante meo seculo, á par da miseria, havia conquistado palmo a palmo ao indifferentismo artistico americano !

Gloria a ti ! sublime artista, que ainda joven deixaste o teu berço patrio com seus esplendores e suas gullas para habitares as selvaticas choupanas da america, onde só devias encontrar goivos e espinhos para recompensar os teus esforços e dedicação ; mas, que apesar disso, o teu nome será eternamente lembrado pelos que te conhecerão e pelos que amantes de sua patria e prezando as bellas artes, lançarem um olhar para os teus animados quadros e para os seus assumptos todos brasileiros. Gloria a ti ! digno filho da eschola franceza, que conseguiste á força de aturados estudos, elevar-te á quella altura donde prazenteiro espalhavas a tantos outros jovens brasileiros as mysteriosas lições de tua arte tão amada!

Gloria a ti ! que abraçado a palheta, della tiravas o sustento quotidiano para tua numerosa familia que hoje deixas na pobreza, só rodeada das gloriosas tradições de um nome que jamais será esquecido nos annaes artisticos brasileiros, como o de um de seus maiores progenitores !

Tua familia pranteia o melhor dos paes, nossa patria um dos seus favoritos artistas, e nós, indignos discipulos de tão apurada imaginação, pranteamos um amigo para o qual só temos lagrimas, e um mestre que até á nossa morte será sentido e lembrado com respeito por seus discipulos!...

Gloria a ti!...

Rio 11 de Novembro de 1860.

A. Barboza d'Oliveira.

A' Eliza.

(PAGINA INTIMA.)

Como és tão bella e arrebatadora minha querida Eliza, quando fitas os teus olhos azues sobre os meus!

Como é tão poetico e divino quando depois de balbuciares uma palavra de amor, ficas toda turbada e modestamente cravas os teus olhos no chão!

Não fazes idéa como ficas então bella!

Tu, minha Eliza, és ainda muito innocente. Tu és como a innocente jurity que do meio das mattas, sólta o seu canto cheio de uma harmonia celeste!

Teu amor é puro — como o azul de teus olhos; doce — como a voz de teus labios; meigo — como o teu sorriso: innocente como a tua alma candida!..

Eu gosto de te contemplar assim. Gosto de tua voz, gosto de teu amor, gosto de teus olhos... porque te-amo!

Um amor de virgem, grande, immenso para um só ente, é como um brilhante de alto preço.

Ves o mundo Eliza? Sentes esse rumorejar da turba? Não creias. Tudo isso é mentido. O mundo ri; mas o fêl existe dentro do coração. O rizo é falso. O rizo encobre as serpentes da hypocrizia, da dor e do desánimo, como as aguas serenas de um rio o mais profundo abysmo.

Não creias no mundo Eliza. Não salpiques a tua coróa de perolas, na lama impura das alegrias do mundo!

E eu que te amo tanto; que guardo cuidadosamente dentro do coração um raio de felicidade para ti; não posso deixar de dizer-te:

Não creias. O rizo é falso.
 Não creias. O rizo é dor.
 O mundo desfolha as rosas,
 Das virgens er'ças do amor!

Rio 10 de Dezembro de 1860.

A. Cunha.

Tenho medo dos teus seios
 Que palpitação de prazer;
 Dos teus seios lindos, lindos,
 Que me fazem padecer.
 Vivo longe dos teus seios
 Fujo sempre de... morrer.

Tenho medo dos teus labios
 Entr'abertos a sorrir;
 D'esses labios purpurinos
 Que um sorriso vem ferir.
 Quando n'elles paira um riso
 Eu busco sempre fugir...

Tenho medo do teu porte
 Do teu porte seductor;
 D'esse andar tão gracioso,
 D'esse corpo de primor.
 Quando te vejo em passeio
 Fico mesmo.... *um lindo amor!* (*)

Tenho medo emfim de tudo,
 D'esse todo de matar;
 D'essas graças seductoras,
 D'essas fórmas de encantar.
 Tenho medo... não te zangues;
 Tenho medo de te amar!

Gaspar de Azambuja.



A Filha da selva.

BRASILIANA.

Hoje meu canto não erra
 Por feitos de alheia terra;
 E' brasileiro o que encerra,
 E' brasileiro o que canta.

F. B. de Abreu.

(*A Palmyra.*)

POESIAS.

Tenho medo...

—M.—

Tenho medo dos teus olhos
 Que são lindos de matar;
 Que são bellos—que são negros
 Como as noites sem luar.
 Fujo sempre dos teus olhos
 Fujo sempre de os fitar.

E' a hora meiga da tarde...
 Hora do magico encanto,
 Em que, quebrando a soidade,
 Solta o pombo o ultimo canto!
 E' a hora, em que a flôr dos valles
 Baloieja indolente o calix
 Aos beijos da aragem fria!
 Quando nos mangues silentes
 Ouvem-se os trilos plangentes
 Da saracábra bravia!

(*) Expressão inteiramente brasileira:—emb as-
 cada admirado, etc.

E' a hora, em que a lua rompe
 D'entre um mundo vaporoso,
 Quando a araponga prorompe
 Num garganteio saudoso,
 Quando da encosta do oiteiro
 Vem descendo o camuheiro
 Saudando o nascer da lua ;
 Ou quando volta indolente
 Cortando o rio silente
 Do pescador a falua !

E' a hora, em que alma crente
 Despida de humana treva,
 Como scintilla escandente
 Aos pés do Senhor se eleva !
 E' quando a boca divina
 Novos preludios ensina
 Nas harpas da Crenção ;
 E' a hora meiga dos prantos,
 A hora propicia aos cantos
 Nascidas do coração !.

Pois nessa hora saudosa —
 Sobre o tapete da relva,
 Scismava muda e chorosa,
 Scismava a *Filha da selva*.
 Ao peso da torva ideia
 A linda fronte fraqueia
 Na palma da mão gentil,
 Como cheirosa bonina
 Que na torrente se inclina,
 Se a brisa lhe vérga o hastil.

Formosa como a palmeira,
 Formosa como a cascata,
 Como a lua feilicira
 Desdobrando os véus de prata !
 Mais linda, que a estrella d'alva
 Quando dos montes na calva
 Seus lindos raios partira !
 — E eu amo a *Filha da Selva*
 Alli sentada na relva,
 A' hora, em que o sol expira....

Não tem no rosto a lindeza
 Que a mão do artificio esmera ;
 Em seu todo a natureza
 Simples, bem simples impera !
 Nem sua fronte de virgem
 Se desvairou na vertigem
 De sensações desleaes !...
 E' virgem, como a araponga,
 Que o seu gorgeio prolonga
 Por cima dos palmeiraes !

Livre nasceu, como as flôres
 Pendentes das laranjeiras,
 Como os véus dos condôres
 Ao longo das cordilheiras :
 Nasceu no meio das mattas,
 Ao susurrar das cascatas,
 Que se despenhão do oiteiro !
 Livre nasceu, como a relva,
 Como os arbustos da selva,
 Como os crystaes do ribeiro.

E sempre alli !... Pensativa
 Ninguém lhe sustou seu pranto !
 Solta em vão a patativa
 Seu triste, saudoso canto ;
 Em vão a brisa susurra,
 Em vão a fonte murmura
 Quebrando a mudez da matta,
 Em vão a filha dos ares
 Veste o tronco dos palmares
 Com seus pingentes de prata :

Em vão se estende a procella
 Ferindo as azas na serra ;
 Em vão o mar se arrepella
 Mordendo as fimbrias da terra ;
 Em vão os ventos bravejão,
 Os temporaes se espanjão
 Pelas quebradas da selva,
 E sempre a linda *selvagem*
 De sob a vasta folhagem,
 Chora, sentada na relva !

Chora, *princeza* !... Teu pranto
 Encerra uma longa historia !
 Perdera talvez o encanto,
 Se eu despertasse a memoria !
 — De raça altiva e valente
 Ultima flôr decadente,
 Que ainda ficou de pé...
 — Foi a rainha da selva...
 Hoje sentada na relva
 Soluça á sombra do ypé!...

Côrte, 7 de Dezembro 1860.

José Maria.

Um dia aziago.

PESADELO.

Tinhão os antigos por costume, marcar certos dias com uma pedra negra e outros com uma branca. Isto queria dizer que havião dias máos ou aziagos e dias bons ou felizes. Sem declarar-me partidario d'esse modo de encarar

as cousas, não posso deixar de confessar que assim acontece às vezes e que ha días em que, desde que nos levantamos da cama até que nella nos deitamos, só soffremos contratempos.

Para prova, vou contar-vos o que me succedeu uma vez.—Uma manhã do mez de setembro, acordei eu pelas 4 horas da madrugada; era um domingo e levantara-me a essa hora para ir tomar um banho de mar, de que então estava em uso. Como disse, levantei-me, vesti-me e sahi. Chegado á ponte embarquei no escaler que d'ahi a pouco partiu. Teriamos talvez feito metade do trajecto, quando sinto que o meu chapêo, impellido por formidavel pancada, enterrava-se-me até os olhos, ao mesmo tempo que sentia na cabeça o embate de um corpo rijo. Dei um pulo; achei-me em pé no meio do bote, e procurei saber o que assim me tinha desarranjado no meio de minhas cogitações.

—Perdão, *sôr mô ámo*, diz no dialecto ilhéu mais puro, o unico remador do bote; foi o poste da lanterna que lhe cahiu em cima. Não *s'offendeu heu?*

Respondi que nada soffrera, resmungando com meus botões, e jurando não me sentar mais junto de postes de lanternas.... sem lanterna. Passou-se. Ao chegar á Barca de Banhos, levantei-me para saltar o que executei, sem esperar que o bote atracasse e o....

—Mãos raios te partão, perguntou d'uma figa! Lá se me foi a aba do paletó e um pouco de pelle!

E assim foi! Um importuno prego recurvado em forma de gancho, tinha me feito em dous pedaços a aba da sobrecasaca e feito um arranhão profundo na perna esquerda... não, direita! Segunda desgraça que me succedia n'aquelle dia! Dirigi-me para o beliche, tomei o meu banho, e voltei para terra.

Ao desembarcar, chega-se a mim *um amigo* e pede-me 5\$000, porque dizia elle, tendo de ir á Praia Grande esquecera em casa a carteira. Bom, *sobre queda, coice*, disse eu mentalmente, e lá fui puxando os meus magros *conquibus* e entreguei-lhe os meus pobres 5\$000 de quem me despedi com um olhar longo, comprido, bem comprido... ai! é que eu previa que nunca mais os tornaria a ver! E corri para casa a toda a pressa, afim de ver se assim fugia á furia dos gnomos malignos que se encarnicavão em perseguir-me.

Chegado a casa, respirei; parecia-me que as obscurações cessarão e que me veria ao abrigo da novos ataques. Ai! de mim! estava escripto que nem ali acharia repouso. Decididamente eu acordára debaixo do influxo d'algum astro malfazejo. Emfim, estava em um dia aziago. Disse que nem em casa encontraria o repouso tão suspirado e eu me explico. Ao en-

trar no meu quarto, deparei com um espectáculo, capaz de fazer arrebentar de pragas ao mais estoico marujo! A roupa que tirára da gaveta, antes de sair, para me pôr todo bonito, jazia espalhada pelo chão e toda amarrotada; vestigios bem recentes, accusavão o gato de meu visinho como o causador d'aquella enorme desgraça. Os meus livros, os papeis que estavam sobre a moza, nada tinha escapado ao endemoninhado gnomo encarnado na figura do gato! Xavier de Maistre se quizesse fazer outra *viagem ao redor de meu quarto*, haveria de lhe pôr suas duvidas, e fazer uma caretta bastante enbezerrada se seu quarto estivesse como o meu! Roguei duas pragas ao gato, e quatro ao dono, mas como as pragas não arrumavão o quarto, arrumei-o eu.

E ahí pararão as diabruras da manhã.

De tarde vesti-me, e sahi com tenção de ir ao Andaraby fazer uma visita a um amigo. Hia em cima da *Maxambomba* que é o lugar da minha predilecção, fumando o meu charuto muito socegradamente e scismando... scismando... já não sei em que; de repente crac!... e a *Maxambomba* inclina-se para um lado..... para o meu lado, senhores, para o meu lado! Para o lado do Mangue! De sorte que eu via perfeitamente o estado a que ficaria reduzida a minha humanissima pessoa, se a ratoeira em que me tinha metido cahisse inteiramente sobre o baranco. Felizmente porém assim não aconteceu e fiquei, como dizem os francezes: *quitte par la peur!* Mas do que não fiquei quite, foi do meu passeio á Andaraby que não pude levar avante. Mas do que não fiquei quite, foi de ter mettido na boca, com o susto, o charuto ao avesso, de sorte que quasi me engasguei! Emfim foi um dia diabolico e para encurtar razões, terminarei com mais um episodio que me succedeu nesse mesmo dia e foi que, tendo comprado um bilhete para ir ver a Probidade achei o theatro fechado, e tive de me retirar fazendo cogitações sobre a Probidade....

Por isso, sem ser totalmente fatalista, não posso ás vezes, deixar de pensar em certas cousas...

THEOBALDO.

Em abono da verdade, devemos declarar que tudo quanto acima se leu, não passou de um pesadêlo do meu amigo Theobaldo, em consequencia de andar sempre a *pensar em certas cousas* como elle diz. O homem, em seus momentos perdidos, dá-lhe para escrever o que lhe vem á cabeça, dos sonhos que tem e em que crê profundamente. Por isso leitores, indulgencia e... boa noite!

Rio, 10 de Dezembro de 1860.

Jami.

A última Donati.

(TRADUZIDO DO FRANCEZ POR E. BANDEIRA.)

Se nunca negocio, capricho ou acaso vos conduzio a essa linda cidade da Italia chamada Modena, não vos demoreis muito tempo admirando as reliquias apocryphas dos antigos ou dos ciceronis; ide visitar de preferencia uma habitação onde, a muitos annos morou um homem de nome Donati. Os magestosos jardins, as fontes, os terraços, os cyprestes, as estatuas, apenas vos ficarão na memoria; vêde porém, o palacio. Em uma das suas galerias, uma velha pintura está dependurada na parede: olhai para ella alguns instantes.

Essa pintura representa uma joven em todo o esplendor de sua primeira mocidade: é a ultima filha de uma casa illustre. Zampière certamente pintou esse quadro; mas não é para contemplar a obra do artista que viestes, é para examinar com attenção essa risonha figura; é para vos dizer logo que a tiverdes sufficientemente admirado se, como nós, não vos apodeastastes de uma indisivel emoção.

A joven está assentada. Sua cabeça moldurada á Varonesa e ornada de bellos cabellos louros, inclina-se com graça; e em seus labios entreabertos, vê-se um meigo sorriso. O index rosado de sua mão diaphana, pende com uma inflexão cheia de delicadeza. Seu talhe elegante e flexivel, se desenha maravilhosamente sob as pregas de um vestido de estoffo fluissimo bordado a ouro. Um fio de esmeraldas, verdes como a primavera, desce-lhe da cabeça aos pés, e caprichosamente prende em um alamar as roupagens de sua saia fluctuante. Emfim sobre sua fronte branca como o alabastro de seu paiz, brilha uma corôa de nove perolas, e no seu seio virginal, as flôres de laranja das noivas, brilhão como se fossem verdadeiras.

Portanto esse rosto attrahente e amavel, onde se acha impressa essa alegria ingenua que só se escapa dos corações jovens e puros, deixará talvez a despeito, ou mesmo em razão de suas seducções infinitas, uma triste recordação em vossa alma. Na solidão e no silencio, no tumulto dos dias e nos sonhos das noites, sua imagem vos perseguirá talvez. Uma tarde ella tomou logar em minha imaginação, e desde muitos annos me apparece sem cessar.

E' que a historia dessa mulher cuja belleza brilha ainda depois de tantos seculos em uma velha moldura, em cima de um bastidor e de um cofre de carvalho meio roído pelos vermes, é verdadeiramente das mais estranhas. Perguntar-se-hia em vendo esses tres objectos reunidos como que de proposito, o que fazem elles nessa vasta sala? O bastidor sem duvida pertenceu

áquella joven mulher; mas o cofre é de um gosto muito antigo para ter-lhe pertencido em sua mocidade, tão fresca e brillantemente ornada. No tempo em que ella vivia, o grande cofre deveria ter certamente sido propriedade de algum seu antepassado, que nelle guardaria com orgulho suas vestes ducaes. Talvez não se tenha conservado esse cofre e bastidor senão por ser artisticamente sinzelado pelo delicado buril de mestre Antonio Frente, e por esse motivo digno de ser transmittido á posteridade.

Mas não: vós advinhastes, é uma triste historia. Alguns passos bastarão para vo-la narrar, e, como eu, accusareis a sorte cruel que aniquilou essa joven creatura.

Ella chamava se Ginevra, era filha unica, e por isso a alegria e o orgulho de seu pai. Acabava de entrar nos quinze annos, seu pai e o seu coração a tinham dado por noiva a Francisco Doria, o amigo e companheiro dos jogos de sua infancia, filho unico como ella, herdeiro de um bello nome e de uma grande fortuna.

Tal a vòdes sobre essa tétia, tal estava ella com seus bellos vestidos de noiva, feliz, gentil e cheia de mil attractivos. Suas travessuras enlevavão a todos de casa; e a não serem seus folguedos, tudo alli seria bem monotono. Todos a amavão e se occupavão della, pois por sua canza todos erão felizes. Quando chegou o tempo em que, apezar dos longos sermões que lho prégava a ama que a amamentou, ella deu sorrindo a mão e o coração ao venturoso Francisco, immenso foi o jubilo do pai, dos parentes e dos amigos.

Sua mãe era a unica que faltava nessa festa para torna-la completa; ella tinha morrido dando-a á luz, e tinha como sua filha o doce nome de Ginevra.

Os convidados tomárão assento na meza do banquete nupcial. Subito notarão que a joven noiva alli não se achava. Procurárão-n'a por toda a parte, e em nenhuma foi encontrada. Como já a conhecião por travessa e amiga de brincar, julgarão que se escondia, e o banquete começou.

(Continúa).

As reclamações e todos os mais objectos que tenham de ser entregues á redacção do *Acajá*, devem ser a ella dirigidos e entregues nesta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.^ª, rua do Cano n. 168